

## Imagens (em) reminiscências: diálogos no Dossiê Imaginário e Memória

DOI: 10.19177/memorare.v7e320203-7

Toda representação humana, individual ou coletiva, é simbólica, preconizam pensadores do Imaginário como Cassirer, Bachelard e Durand. Representação essa mobilizada entre as imagens retidas, armazenadas e as em potencial de existência/criação. Nesse museu de imagens e suas relações, banhado sempre pelas águas da cultura, mobilizamos dois dispositivos do Imaginário que tem instigado nossa aproximação de pesquisa: Memória e Imaginação. Dois dispositivos, mas em movimentos de harmonia e tensão que permitem nosso existir e se colocar no mundo.

Cavalcanti (2017), na apresentação do livro *Os trabalhos da imaginação*, esclarece essa relação, que nos sito tão cara, entre imaginário e memória: “a percepção da ação pelo homem ocorre quase que paralelamente à construção da memória, marcada indelevelmente pelo imaginário, que é estruturador, diga-se de passagem” (CAVALCANTI, 2017, p. 14). E complementa de maneira tão clara: “para haver memória é preciso haver imagem. Memória e imaginação residem lado a lado na alma humana”.

Esse panorama, entre imagens passadas, presentes e futuras, tem aproximado as discussões dos nossos Grupos de Pesquisa na Linha de Linguagem e Cultura do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Unisul: Imaginário e Cotidiano e Memória, Afetos e Redes Convergentes.

As pesquisas em Imaginário e Cotidiano buscam a discussão sobre as manifestações simbólicas e formadoras da noção de realidade presentes em nosso cotidiano. Para tanto, procura-se alinhar reflexões teórico-práticas acerca da linguagem, do imaginário e das imagens que nos cercam e são motivadoras da vida social. As pesquisas desenvolvidas neste âmbito abordam os mais variados objetos e corpus para as discussões do Imaginário e do cotidiano na formação dos localismos, regionalismos e/ou outras formas de identificação e pertencimento.

Partimos do pressuposto das estruturas antropológicas do imaginário, por Gilbert Durand, de que há rubricas semânticas diretoras que constituem uma grade de leitura para a referência simbólica das produções imaginárias e que estão são sempre atualizadas pelas intimações sociais e culturais, moduladas por redes de afeto e pertencimento. As tecnologias do imaginário, como o jornalismo, a publicidade, as redes sociais, o cinema, as religiões, a literatura, são dispositivos que forjam e ressignificam as imagens que formam nossa visão de mundo. Os aspectos do imaginário criados pelas pandemias, por exemplo, para tomar nosso cenário atual, tem suas relações históricas com a construção de uma organização simbólica da sociedade e suas manifestações mitológicas na coletividade. As dificuldades de isolamento e o medo da contaminação geram um processo de ressignificação que é, essencialmente, simbólico. Mas também a

reorganização do nosso imaginário educacional, profissional, familiar, da saúde, econômico, da casa como espaço íntimo, ou seja, uma mudança na forma como representados e damos sentidos a essas instâncias no nosso cotidiano por novas motivações.

Durand (2001) apresenta a ideia de que uma relação estreita entre as representações simbólicas, os gestos do corpo e os centros nervosos, admitindo, em sua teoria, três dominantes posturais reflexas, motores primitivos chamados de *schèmes*, primeiro nível de abstração de formação das imagens, seguidos pelos arquétipos. Assim, o imaginário está, em cada sujeito, expresso em um trajeto antropológico: “incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social” (2001, p. 41). Em outras palavras, nossas expressões simbólicas são influenciadas tanto pelo inconsciente e pelos impulsos bio-psíquicos, quanto pelos estímulos vindos da sociedade, da cultura, do meio ambiente em que vivemos, em uma visão complexa e holística, integrando as perspectivas psicologista e a culturalista, do ser humano e sua capacidade e formas de representação.

Esclarece-nos Garagalza (2017, p. 60, tradução nossa): “o imaginário é a realidade última em que o conhecimento humano vem a decifrar os imperativos do Ser. Sobre ela se ordenam, consciente ou inconscientemente, todas as obras, as atitudes e as opiniões humanas”. Para o pesquisador, a consciência imaginante, em seu estatuto transcendental, faz a mediação entre o sensível e o inteligível, oferecendo uma “organização” simbólica a nossa vivência.

Dessa maneira, os estudos do Imaginário podem contribuir, pelas discussões do cotidiano e das narrativas que dele emanam (políticas, sociais, culturais), para entender as imagens e os sentidos provocados e que passam a modular a realidade social. É uma alquimia. Bachelard, em seus estudos em explanação sobre a imaginação material, nos diz que a alquimia simbólica e poiética torna fixo o volátil e volatiliza o fixo. Reflexão profunda que é, também, poesia. A trama de imagens e as propriedades imaginativas de cada tempo nos permitem compreender os modos de vida e os valores das sociedades. “Os ritos, as práticas e as crenças devem ser interpretadas simbolicamente: as figuras veneradas remetem a uma realidade que vai além delas mesmas. Vemos uma aura, ética da estética de uma época, bacia semântica que direciona o cotidiano” (MORAES, 2019, p. 101).

O imaginário é, como dissemos, potência, de criação e ação, e seu sentido, que transcende a própria imagem se dá pela carga afetiva, pela experiência que provoca. Seja por reminiscências ou “imaginâncias” é por essa capacidade imaginativa que existimos. Juremir Machado tem uma frase belíssima que diz que o imaginário é aquela imagem que penduramos na parede do tempo, cuja narrativa permite contar-nos aos outros e a nós mesmo. Narrativa de si, do outro, do mundo.

Em relação aos estudos sobre memória, percebe-se um crescimento e interesse por pesquisadores, visto as manifestações sociais, culturais e afetivas advindas no ato das lembranças. São muitos os dispositivos que evocam lembranças e ativam sentimentos. Na área da linguagem e da comunicação, por exemplo, um texto, uma imagem, um som, um gesto, podem trazer a volta de um passado que até então parecia estar

esquecido. E aí, vemos a ligação com a perspectiva do imaginário. Huyssen (2000) lembra que a memória da sociedade é acordada no corpo social dos valores, crenças, instituições e rituais. Os museus, memoriais e monumentos, por exemplo, formam memórias públicas, desfazendo o esquecimento por parte do próprio público. O recordar é que nos liga ao passado e a forma como rememoramos define como estamos no presente. “Como indivíduos e sociedades, precisamos do passado para construir e ancorar identidades e alimentar uma visão do futuro” (HUYSSSEN, 2000, p. 67).

Compreender de onde vem, o que faz e como são acionadas as anamneses, não só faz parte de um contexto individual, como também social e intrínseco aos lugares e ambientes coletivos. Além de ser evocada, a memória exerce um papel sociocultural relevante, na medida em que traz contextos significativos para a compreensão de como vivem e atuam as sociedades. Para Bosi (1994), a memória consiste nesta relação do corpo presente com o passado, e isso, ao mesmo tempo, interfere no movimento das representações atuais. “Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, 'desloca' essas últimas, ocupando o espaço todo da consciência” (BOSI, 1994, p. 47).

Paralelo a este movimento, presencia-se uma cultura conectada de pessoas interligadas por tecnologias e interações sociais por intermédio da conexão em rede, sites de redes sociais e aplicativos de conversas potencializando a circulação de mensagens, imagens e sentidos. Pensar o contexto sociocultural da produção, circulação e recepção de mensagens pelos públicos se faz necessário, pois forjam o imaginário atual e aguardam imagens de memória. A memória traz um passado, rememora algo em um presente totalmente interligado por dispositivos móveis e ambientes convergentes. A cultura convergente que Jenkins (2009, p. 29) destaca é aquela “onde as velhas e as novas mídias colidem, onde mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis”. São as múltiplas plataformas de mídia recebendo conteúdos, transformando questões tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais. A convergência de mídias, destaca Cannito (2010), é uma revolução sem volta e com ela entendemos, por exemplo, o que acontece com o futuro dos meios de comunicação. Há uma cultura participativa, conectada que se (inter)relaciona nos ambientes digitais. Para Jenkins (2009, p. 24) este processo reconfigura um movimento em direção a um modelo mais participativo de cultura, “em que o público não é mais visto como simplesmente um grupo de consumidores de mensagens pré-construídas, mas como pessoas que estão moldando, compartilhando, reconfigurando e remixando conteúdos de mídia [...]”. Jenkins determinou como cultura participativa o grupo de consumidores que está integrado em uma comunidade mais ampla de redes, para além da sua da sua dimensão geográfica.

O mundo pós-moderno, suas novas formas de conexão e de ser e estar presente, mobilizam nossas reflexões especialmente a partir de questões ordinárias do cotidiano e dos nossos localismos e regionalismos, frente a globalização que é, também, simbólica. Cotidiano

esse que está totalmente mobilizado pelas tecnologias do imaginário que forjam, atualizam e ressignificam imagens e sentidos.

São esses sentidos e imagens mobilizadas que foram discutidos amplamente no I Seminário Imaginário e Memória: culturas conectadas e dispositivos convergentes promovido pelos Grupos de Pesquisa já referenciados. Tratou-se, assim, de proporcionar ambiente de discussão às sensibilidades coletivas forjadas em/por imagens e que perpassam o imaginário coletivo, a memória, a linguagem e a cultura e colocar Santa Catarina no cenário das discussões científicas em uma perspectiva interdisciplinar em torno da confluência de dois temas de pesquisa: Imaginário e Memória. O evento aconteceu no mês de março de 2020, no campus de Tubarão da Unisul, integrando pesquisadores, docentes e alunos de Pós-Graduação, Mestrado e Doutorado, e graduação. Teve alcance nacional, dado o ecossistema de discussões e pesquisas em que os Grupos organizadores já estão inseridos, bem como demarcou a presença de Santa Catarina nessa rede dos estudos de Imaginário e Memória. As palestras/pesquisas apresentadas contribuíram para esse intuito e, pela gentileza de alguns dos palestrantes e debatedores, ensejam este dossiê. Vale ressaltar que vivemos momentos únicos, de profundas discussões, enriquecedores às nossas pesquisas, mas também acolhimento, empatia e afeto às pessoas que organizaram, mobilizaram, expuseram, debateram e saíram com algumas respostas e tantas outras perguntas.

Vale um agradecimento especial ao doutorando Elton Luiz Gonçalves, coordenador discente do evento, bem como a todos os integrantes dos Grupos de Pesquisa Imaginário e Cotidiano, e Memórias, Afetos e Redes Convergentes que fizeram o Seminário conosco, no melhor espírito de equipe que quer fazer o espetáculo dar certo. E deu. Devemos a viabilidade financeira da execução do evento à Fapesc – Fundação de Amparo à Pesquisa de Santa Catarina.

Na abertura do evento, tivemos a honra de contar com a presença do Professor Dr. Juremir Machado da Silva, da PUCRS, que apresentou aos participantes uma discussão sobre o imaginário contemporâneo e nos brinda, nessa edição da **Memorare**, com o texto **Cinco versões de imaginário** que já vislumbramos como referência aos pesquisadores que vivem a garimpar um conceito para o termo. Aqui, Juremir, pesquisador e escritor habilidoso, apresenta como possibilidades de reflexão os vieses de ambiente, ficção compartilhada socialmente, fantástico do cotidiano, excedente de significado e memória afetiva.

O Professor Dr. Francisco Antonio Pereira Fialho, da UFSC, participou de uma mesa-redonda que, pelos participantes do evento, não deveria ter tido fim, em função da maestria com que apresentou, em profundidade, conceitos tão áridos e caros às nossas pesquisas. Para o dossiê, em coautoria com Denise Maria Bezerra, apresenta o texto **Imaginário, Memória e Arquétipos** fazendo o percurso teórico e epistemológico para pensarmos a relação entre os termos que mobilizaram a concepção do próprio evento e de nossas pesquisas.

Egressa do nosso Programa de Pós-Graduação, a Professora Dra. Graziela Brunhari Kauling, do IFSC campus Araranguá, SC, trilha as discussões entre imaginário, socialidade, identificações, pertencimento e afetos. Seu lugar de fala é a Moda de onde tem semeado pesquisas no

âmbito do Imaginário e, para este dossiê, nos apresenta o texto **Uma reflexão sobre moda e imaginário: mocinha ou vilã?** com as reflexões apresentadas na mesa-redonda de que participou.

O evento teve como palestrante de encerramento o Professor Dr. Rogério de Almeida, da USP, autor de extensa e profunda obra sobre imaginário social, inclusive promovendo redes de discussão internacionais. Sua conferência e texto aqui publicado nos faz uma provocação: é mesmo possível uma separação entre o real e o imaginário? A resposta, trilhando profundas discussões tendo o cinema como objeto de reflexão, pode ser encontrada em **Cinema e os imaginários contemporâneos: conferência de encerramento do I Seminário Imaginário e Memória**. Além das discussões teóricas, o encerramento com a presença do Prof. Rogério nos encheu de motivação e potencialidade, pela visão de área que dispõe e a generosidade com a qual avaliou nosso evento e contribui com novas perspectivas acadêmicas. Assim, seguimos motivados e cheios de expectativa para a segunda edição em 2021, em novo formato por novos contextos, novas ambiências, práticas e imagens, exatamente como defendemos teoricamente.

Boa leitura!

Heloisa Juncklaus Preis Moraes, Profa. Dra.

Mário Abel Bressan Júnior, Prof. Dr.

Organizadores do Seminário e do Dossiê Imaginário e Memória

## Referências

- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CANNITO, Newton. **A televisão na era digital: interatividade, convergência e novos modelos de negócio**. São Paulo: Summus, 2010.
- CAVALCANTI, Carlos André. Prefácio – Um livro na intuição imemorial da história. In WUNENBURGER, Jean-Jacques; ARAÚJO, Alberto Filipe; ALMEIDA, Rogério. **Os trabalhos da imaginação: abordagens teóricas e modelizações**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2017. p. 11-20.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do Imaginário**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- GARAGALZA, Luís. La filosofía, la imagen y el sentido. In: WUNENBURGER, Jean-Jacques; ARAÚJO, Alberto Filipe; ALMEIDA, Rogério. **Os trabalhos da imaginação: abordagens teóricas e modelizações**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2017. p. 47-64.
- HUYSEN, Andréas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- MORAES, Heloisa Juncklaus Preis. O imaginário no cotidiano: a imagem como potência do laço social. In: LINS, Eunice Simões; MORAES, Heloisa Juncklaus Preis (org.). **Mídia, Cotidiano e Imaginário**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2019.